

## ASPECTOS RELACIONADOS ÀS MULHERES QUE OPTAM PELA NÃO MATERNIDADE: UM ESTUDO PRELIMINAR

Maria Julia de Oliveira Costa Nicolau (IC) e Aline Souza Martins (Orientador)

**Apoio:** PIVIC Mackenzie

### RESUMO

O artigo aborda o tema das mulheres que optam por não serem mães, destacando que essa escolha enfrenta diversos pontos de debate devido à visão cultural que associa a maternidade como caminho natural para a felicidade, realização e identidade feminina. A metodologia baseou-se em entrevistas semi-estruturadas com 10 mulheres, com idade entre 35 a 50 anos, que decidiram não ser mães, as quais foram submetidas a análise do conteúdo e discutidas sob a ótica da psicanálise e das teorias de gênero. A análise das entrevistas revelou categorias fundamentais relacionadas às mulheres sem filhos, abordando a dinâmica familiar, as razões para não serem mães, os significados da maternidade, influência da sociedade, as reflexões sobre questões de gênero e suas perspectivas de futuro. Ao desmistificar a associação automática entre feminilidade e maternidade, o estudo ajuda a ampliar a discussão sobre escolhas reprodutivas, incluindo procedimentos como a laqueadura tubária. O artigo oferece uma análise preliminar significativa sobre a não maternidade, trazendo à tona importantes questões a serem debatidas e compreendidas, como por exemplo a forma que a não maternidade desafia as normas tradicionais de gênero e desafia as expectativas culturais sobre o que significa ser uma mulher na sociedade contemporânea, na qual a liberdade de escolha e a diversidade de trajetórias de vida devem ser respeitadas e valorizadas.

**Palavras-chave:** Não maternidade. Psicanálise. Maternidade.

### ABSTRACT

The article addresses the issue of women who choose not to be mothers, highlighting that this choice faces several points of debate due to the cultural view that associates motherhood as a natural path to happiness, fulfillment and female identity. The methodology was based on semi-structured interviews with 10 women, aged between 35 and 50 years, who decided not to be mothers, which were submitted to content analysis and discussed from the perspective of psychoanalysis and gender theories. The analysis of the interviews revealed fundamental categories related to women without children, addressing family dynamics, the reasons for not being mothers, the meanings of motherhood, influence of society, reflections on gender issues and their perspectives for the future. By demystifying

the automatic association between femininity and motherhood, the study helps to broaden the discussion about reproductive choices, including procedures such as tubal ligation. The article offers a significant preliminary analysis of non-motherhood, bringing to light important issues to be debated and understood, such as how non-motherhood challenges traditional gender norms and challenges cultural expectations about what it means to be a woman. in contemporary society, in which freedom of choice and diversity of life paths must be respected and valued.

**Keywords:** Not maternity. Psychoanalysis. Maternity.

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa em questão tem como objetivo principal realizar um estudo preliminar e geral sobre a opção pela não maternidade, abrangendo a temática no âmbito familiar e social. De acordo com Patias e Buaes (2009), o discurso dominante da maternidade permaneceu estável por vários séculos: a maternidade era vista como o principal objetivo na vida de toda mulher, entretanto no século XVII, os papéis das mulheres limitavam-se apenas à procriação, e não à maternidade como um todo. Por décadas, a maternidade foi encarada como função compulsória das mulheres no que tange ao trabalho reprodutivo e a partir do século XVIII a mãe passou a ser apresentada como a figura mais essencial para o cuidado do desenvolvimento da criança. Assim, a mulher se desloca para além da responsabilidade pela procriação, para ser a responsável também pelo desenvolvimento infantil (Patias & Buaes, 2009). Nessa época, fertilidade e casamento estavam completamente conectados, e o destino de uma mulher era apenas se casar e ter filhos.

Em consonância com o parágrafo supracitado e de acordo com Silvia Federici (2004), uma filósofa que dedica seu estudo à condição feminina na ascensão do capitalismo, o processo da função reprodutiva da mulher, trabalho de gestar, parir e cuidar faz parte da estruturação do sistema socioeconômico do capitalismo. As mulheres, ela argumenta, foram transformadas em máquinas de produção de novos trabalhadores, forçadas a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho. Dessa forma, o capitalismo cresceu dividindo os indivíduos que estão na base ao longo de linhas de gênero e raça, construindo uma nova ordem patriarcal que colocou os corpos das mulheres, seu trabalho e seu poder reprodutivo sob controle do Estado, transformando-os efetivamente em recursos econômicos.

[...] muito da violência empregada é dirigida contra as mulheres, porque, na era do computador, a conquista do corpo feminino continua sendo uma pré-condição para a acumulação de trabalho e riqueza, tal como demonstra o investimento institucional no desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas que, mais do que nunca, reduzem as mulheres a meros ventres (Federici, 2004, p. 27).

Para tanto, fica claro que o desenvolvimento contemporâneo da divisão sexual do trabalho a designação prioritária que se observa nas sociedades capitalistas é a dos homens destinados à esfera produtiva e de poder, enquanto as mulheres são destinados à reprodução. Com base nessa referência, cabe ressaltar, em última instância, que o corpo da mulher e suas funções reprodutivas foram apropriados tal qual um pedaço de terra e tal qual um maquinário, além de ter sido também apropriado pelos homens e pelo Estado para reproduzir novas forças de trabalho. Assim, para a filósofa, o corpo feminino é um lugar

tanto de exploração, quanto de resistência, tal como a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados. Dessa forma, cabe ressaltar que o conceito de maternidade e todas as funções que a mulher exerce nesse contexto de procriação, passa a ser compreendido como um trabalho feminino não pago, o que reflete um sistema patriarcal que reforça a desvalorização econômica do trabalho de cuidado e simultaneamente o imperativo social de formar uma família.

Hoje, entretanto, abrem-se novas portas para mulheres, o que permite que elas possam, teoricamente, escolher viver ou não a maternidade, subvertendo tudo aquilo que era considerado como seu único destino. Entretanto, cabe salientar que para além desta visão de autonomia feminina, também há diferentes cenários que se configuram como obstáculos para a escolha pela maternidade relacionados a questões socioeconômicas. No caso das mulheres negras, orientais e indígenas, por exemplo, as experiências da maternidade envolvem questões de sobrevivência, pois estão relacionadas ao racismo de Estado, à violência nas periferias, às dificuldades econômicas e à falta de apoio. Com isso dito, ressalta-se que o ponto em questão dentro desse contexto de optar ou não pela maternidade, também se encontra em como essa função é percebida e experimentada no contexto do sistema capitalista, que depende de diversos fatores no qual a mulher está inserida, como propriedade privada e o poder patriarcal. Sob este prisma, compreende-se que os conceitos de maternidade são construídos socialmente e que não há apenas uma única maternidade, e sim várias.

Como problema de pesquisa, buscou-se quais seriam os fatores identificados pelas mulheres, ao reconstruírem as suas narrativas de vida, que estariam relacionados com a decisão pela não maternidade. Nota-se que a figura feminina vem ganhando novas configurações ao longo dos anos. Além de mãe, a mulher também se faz presente em todas as outras esferas e âmbitos da sociedade, inserida no mercado de trabalho, podendo optar por uma profissão que lhe traga benefícios pessoais e prestígio profissional ao invés de optar por também realizar o papel de ser mãe, e assim a maternidade passou a ser incluída não mais como destino inevitável da vida da mulher, mas como um projeto a ser ou não realizado. Cabe destacar que essa realidade e a escolha pela não-maternidade tem relação direta com o contexto histórico, econômico, social e cultural em que a mulher está inserida. O Brasil tem apresentado índices significativos de mulheres que optam por não se tornarem mães. Nesse contexto, é crucial compreender e examinar profundamente as razões que levam as mulheres a optarem por não se tornarem mães.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Simone de Beauvoir, a qual incitou um movimento contra à condição feminina de “segundo sexo”, em afirmação já bastante reconhecida e repercutida, afirmou que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967, p. 9). A autora também já questionou muito o instinto materno, além de que na época de sua publicação, ela abriu um grande leque cheio de possibilidades para que as pessoas consigam pensar a respeito das novas formas e papéis que as mulheres podem e devem ocupar. Nesse sentido, pode-se dizer que tal afirmação supracitada de Simone de Beauvoir também pode-se aplicar no contexto da maternidade, que é influenciada pela construção social. Assim, é possível dizer que nenhuma mulher nasce mãe e nem com o instinto materno, mas nasce já estando em um contexto no qual haverá uma pressão para que, em determinada idade, a mulher se torne mãe. Elisabeth Badinter (1980/1985) discorre acerca desse tema na clássica obra *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*.

Mesmo reconhecendo que as atitudes maternas não pertencem ao domínio do instinto, continua-se a pensar que o amor da mãe pelo filho é tão forte e quase geral que provavelmente deve alguma coisinha à natureza [...] O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada. (Badinter, 1980/1985, p. 22-23).

Badinter (1980/1985) apresenta um conceito de que a mãe é uma personagem relativa, porque essa figura só se concebe em relação ao pai e ao filho, e é tridimensional, pois a mãe também é uma mulher, que é um indivíduo dotado de aspirações próprias e que pode não ter nada a ver com as aspirações e desejos do marido ou dos filhos.

Semelhante a essa visão, pontua-se que para Badinter (1980/1985), as mudanças, autonomia e conquistas vivenciadas pelas mulheres a partir do movimento feminista ligam-se diretamente com a invenção dos métodos contraceptivos, que possibilitaram às mulheres o controle sobre o próprio corpo, e abriram a possibilidade de assumir diferentes rumos para a vida. Ademais, conforme Szapiro e Férez – Carneiro (2002), apesar de a mulher poder “optar” pela maternidade, existem expectativas sociais que atravessam esse sujeito que, do ponto de vista cultural, ainda há uma representação de mulher igual mãe, sendo a maternidade representada como o destino “natural”. Enfatiza-se que, para além disso, a identidade feminina é resultado dos processos históricos, pelas vivências singulares e coletivas, marcada pelos discursos, valores e imperativos sociais. Nesse sentido, a opção pela não maternidade pode ser compreendida como uma forma de subverter estas normas

prescritivas, a partir da produção de sentidos singulares do que é ser mulher e não necessariamente atrelados à maternidade.

### **3. METODOLOGIA**

Em primeiro plano, as práticas utilizadas para compor o projeto e seu desenvolvimento destaca-se a pesquisa exploratória, que, de acordo com Gil (2007), que visa uma maior aproximação e uma maior familiaridade com o problema. Ressalta-se a importância que foi dada para uma relação de escuta e teórico-prática para esse projeto, e para tanto foram realizadas entrevistas individuais e semi-estruturadas com mulheres que colocam a não maternidade como uma escolha assumida, mesclando perguntas específicas sobre a decisão pela não maternidade, totalizando aproximadamente 10 perguntas. Dessa forma, as entrevistas foram feitas de modo mais aberto, com o objetivo de deixar as entrevistadas discorrerem livremente sobre o assunto proposto. As entrevistas semi-estruturadas são aconselhadas para investigação de aspectos mais subjetivos, dando um tom mais pessoal nos relatos, gerando questões que podem ser consideradas novas para o entrevistador (Boni, 2005).

A coleta de dados foi realizada com 10 mulheres, com idade entre 35 a 50 anos, com exceção de uma entrevistada que possui idade inferior à mencionada anteriormente, e essa mudança se justifica pela relevância da narrativa dessa mulher mais jovem, que poderia contribuir para uma melhor compreensão dos aspectos psicológicos, sociais e culturais envolvidos na decisão de não ser mãe<sup>1</sup>. No processo de análise de conteúdo deste projeto, empregou-se uma abordagem fundamentada nos princípios de Michel Pêcheux (1990).

### **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

A análise das entrevistas revelou um panorama rico e multifacetado, abrangendo diversas categorias fundamentais que iluminam as complexidades desse fenômeno. Dentro desse contexto, emergiram categorias distintas que compreendem a dinâmica entre as mulheres sem filhos e seus pais, as profundas e variadas razões subjacentes à decisão de não serem mães, os significados que a maternidade assume para essas mulheres, a interação complexa entre suas escolhas e o olhar da sociedade circundante, bem como as

---

<sup>1</sup> O projeto inclui a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a submissão à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos através do site da Plataforma Brasil e aprovado com o número de CAAE 62965522.5.0000.0084.

reflexões sobre as responsabilidades de cuidado, em relação aos gêneros, e suas perspectivas de futuro. Este artigo busca examinar cada uma dessas categorias de forma aprofundada, oferecendo uma visão abrangente das experiências e perspectivas dessas mulheres que desafiam as normas sociais arraigadas.

A princípio, buscou-se compreender a importância do início da narrativa da história de vida das mulheres que optaram por não se tornarem mães. A memória, ao ser acionada para resgatar vivências passadas, abre um caminho para a compreensão da subjetividade do que foi vivido por essas mulheres (Guerra *et al*, 2022). Ao contar sobre suas experiências de vida, as mulheres podem deixar passar traços de suas subjetividades, que podem revelar seus desejos inconscientes e motivações. Emerge de maneira unânime nas falas das entrevistadas um ponto de partida compartilhado: elas iniciam discutindo suas vivências na infância, explorando a estrutura familiar e os parentes com os quais conviveram. Somente após essa análise introspectiva de suas origens é que essas mulheres exploram suas características pessoais e os fatores que as levaram a uma decisão tão impactante em suas vidas. Esse enfoque inicial destaca a importância de compreender o contexto e as raízes que moldaram suas jornadas.

#### **4.1. Vínculos e relações: a dinâmica entre mulheres sem filhos e seus pais**

Este tópico explora como a relação e o desejo das mães afetam a subjetividade das mulheres que optam por não serem mães. As falas das mães nas entrevistas revelam aspectos significativos e também considera como a descrição da maternidade é transmitida. Ao compartilharem suas experiências e emoções relacionadas à maternidade, as mães podem fornecer um entendimento mais amplo sobre a multiplicidade de vivências maternas e como essas narrativas são percebidas por suas filhas.

Minha mãe falava 'para você ver que as suas amigas que engravidaram não podem mais sair, não podem mais dançar, não podem mais fazer as coisas que você como adolescente está fazendo. E se você ficar grávida eu não vou cuidar do seu filho, você vai ter que cuidar dele sozinha, muita responsabilidade'. [...] Ela não tem essa didática para conversar, mas isso com certeza me ajudou. (L.A.)

Através de diálogos, exemplos e vivências compartilhadas, as mães podem transmitir tanto os aspectos positivos quanto os desafios da maternidade para suas filhas. No trecho citado, a mãe expressa para sua filha L.A. os pontos negativos da maternidade, destacando as restrições e responsabilidades que podem surgir.

Já para a entrevistada N.I., a maternidade foi representada através de uma lente de cansaço, sofrimento e insatisfação. A ligação entre a narrativa da entrevistada e a discussão sobre a sobrecarga do trabalho reprodutivo é uma análise importante a ser feita. A

sobrecarga do trabalho reprodutivo, refere-se ao conjunto de tarefas e responsabilidades que recaem desproporcionalmente sobre as mães e cuidadoras, como cuidar dos filhos, da casa e da família em geral. Isso muitas vezes resulta em exaustão física e emocional, contribuindo para sentimentos de insatisfação e descontentamento. Para N.I.:

E a minha mãe, assim, estava sempre reclamando, que estava de saco cheio, que não aguentava mais, que estava cansada, a minha mãe chorava muito... eu passei assim a minha infância e adolescência vendo a minha mãe chorar. [...] e aí eu acho que a minha mãe começou a sentir, porque depois que ela casou e ela teve a gente, foi coisa que ela sonhou inclusive porque ela me contava que quando ela tinha 20 anos ela sonhava em ter filhos e ter um bebê, mas que ela nem sabia o que era aquilo que ela sonhava, ela diz que ela era um iludida. (N/I)

Elisabeth Badinter e Silvia Federici adicionam profundidade a essa discussão, destacando como as representações culturais da maternidade e as desigualdades de gênero estão intrinsecamente ligadas. Elisabeth Badinter (1985) ainda enfatiza a ideia de que a maternidade idealizada pode criar pressões insustentáveis para as mulheres, levando a sentimentos de culpa e inadequação, contribuindo para uma sobrecarga nas mães. Silvia Federici (2004), por sua vez, aborda a questão da sobrecarga do trabalho reprodutivo de uma perspectiva mais ampla. Ela examina como a exploração do trabalho das mulheres, especialmente nas esferas reprodutivas, tem sido fundamental para a acumulação de capital ao longo da história. Federici argumenta que a desvalorização e a exploração do trabalho reprodutivo contribuíram para a subordinação das mulheres e a perpetuação das desigualdades de gênero. Ela argumenta que a sociedade capitalista depende do trabalho doméstico e reprodutivo das mulheres para sustentar a economia, enquanto muitas vezes não reconhece e valoriza esse trabalho.

A representação da mãe da entrevistada, chorando e expressando insatisfação, se alinha com essa análise, indicando que a responsabilidade excessiva pelo trabalho reprodutivo pode contribuir para o cansaço e o sofrimento. A insatisfação da mãe pode ter sido resultado de um sistema que coloca a maior parte das responsabilidades reprodutivas sobre as mães, muitas vezes sem o apoio adequado.

#### **4.2. O olhar da sociedade sobre mulheres que optaram por não ser mães**

Este tópico é de suma importância, uma vez que busca nas falas das entrevistadas as narrativas sobre como essas mulheres que optaram por não ter filhos enfrentam desafios e pressões sociais relacionadas à sua escolha. Compreender como a sociedade reage e impacta as mulheres que optaram pela não maternidade é fundamental para analisar as dinâmicas sociais, culturais e familiares que cercam essa decisão. Essas narrativas podem revelar como as mulheres lidam com o estigma social associado à não maternidade e como

buscam construir uma identidade e sentido de pertencimento em meio a uma sociedade que muitas vezes assume que a maternidade é a norma.

Difícil é sustentar a decisão. Sem deixar que a mídia, que a família, que a sociedade interfira nisso a ponto dela se perder de si mesma. É abraçar pra si sua decisão e seguir com ela adiante, porque incomoda. É essa ideia de sustentar mesmo a decisão e esquecer o barulho, barulho do entorno. De um familiar que vai cobrar, de alguém que vai ridicularizar, ofender, descredibilizar, ou falas que vão invalidar seus sentimentos. (L.A.)

As entrevistas apontam uma narrativa que se desenvolve para a importância de que as mulheres se sintam empoderadas e capazes de sustentar a decisão de não ter filho, mesmo diante da pressão exercida pela sociedade. A maternidade é frequentemente enraizada em expectativas tradicionais e estereótipos de gênero, levando muitas mulheres a questionar sua identidade e propósito fora do papel materno. Nesse sentido e de acordo com Ciampa (1988), absorvemos profundamente aquilo que os outros nos atribuem, de modo que isso se integra à nossa identidade. Como sujeitos inseridos na sociedade, frequentemente nos vemos afetados pelo ambiente ao nosso redor e pelas influências externas. Através das nossas interações interpessoais, gradualmente assimilamos as perspectivas que os outros têm a nosso respeito, as quais têm o potencial de moldar nossas ações, comportamentos e sentimentos.

A pressão social para ter filhos pode ser tão poderosa que a mulher pode chegar a se perguntar se há algo de errado com ela por não querer ter filhos, mesmo que atualmente com os deslocamentos sociais, novas possibilidades de inscrição no campo do desejo foram conquistadas e permitidas à mulher (Coelho; Wollmann, 2017). De acordo com narrativas das próprias entrevistadas, ao ser bem resolvida com a não maternidade, uma mulher pode se concentrar em outros aspectos de sua vida, como sua carreira, hobbies, relacionamentos pessoais e crescimento pessoal. Ser bem resolvida com a não maternidade também envolve estabelecer limites saudáveis e não permitir que as opiniões da sociedade afetem negativamente sua autoestima e identidade.

Assim, quando se trata da não maternidade como uma escolha de vida, tão legítima quanto a opção de optar por ser mãe, a mulher irá se deparar com uma série de questionamentos e juízos de valor (Coelho; Wollmann, 2017). O desejo de ter filhos não é constante e nem universal. Algumas mulheres vão querer, outras não querem, e outras nem pensaram na possibilidade. A criança que para uma mulher pode vir a significar e pode vir representar uma fonte incontestável de realização para algumas mulheres, ela pode se revelar como um obstáculo para outras. Cabe destacar que esse desejo de ser mãe ou não ser é profundamente constituído, fundado no inconsciente, permeado pelo desejo do Outro, além de fazer parte de um imaginário social (Coelho; Wollmann, 2017). As modalidades e

mecanismos sobre como busca-se realizar o desejo inconsciente são marcados, matizados, pela força do vínculo edipiano e pela cultura, ou seja, o desejo é estrutural, parte constitutiva do psiquismo. Desta forma, a escolha voluntária e definitiva de não ter um filho é o resultado da inter-relação de uma multiplicidade de elementos variados, em particular sociais e intrapsíquicos.

Também foi possível observar um ponto comum entre a maioria das entrevistadas (7 das 10 mulheres): após tomarem a decisão de não ter filhos, elas passaram a se importar menos com a opinião da sociedade, buscando minimizar a interferência de opiniões externas em suas vidas. Por exemplo, em relação à família e aos amigos, a maioria delas não se sentiu obrigada a justificar sua decisão, optando por simplesmente comunicá-la sem abrir espaço para questionamentos externos.

#### **4.3. Motivações e Escolhas: explorando as razões das mulheres para não serem mães**

Neste tópico foram selecionadas falas das entrevistadas que apresentam os motivos pelos quais optaram por não serem mães. Esses motivos podem incluir fatores individuais, como projetos de vida diferentes, busca por autonomia pessoal e profissional, preocupações com a saúde mental e física, entre outros. Além disso, questões sociais, ambientais e econômicas também podem influenciar nessa decisão.

A maternidade, tudo que eu observo do mundo, eu não tenho essa identificação. Eu não sinto falta disso. [...] Mas eu acho que o principal é uma questão de ter a ver com quem eu sou, de quem eu sou no mundo. Quem eu sou como pessoa? Eu nasci alguém, eu sou alguém que a vida inteira que não me identifico com a maternidade, e na verdade é o oposto, eu quero distância daquilo. Se eu vejo uma mãe com um bebezinho no colo e eu olho para aquilo, não é o que eu quero pra mim. Se eu vejo uma foto no instagram de uma pessoa que tá lá em Paris, aí eu me identifico” (N/I)

A entrevistada também representa as narrativas que foram identificadas com todas as mulheres entrevistadas, e que compartilharam em suas falas a não identificação com o papel da maternidade. Para essas mulheres, compreender essa falta de desejo exigiu delas uma profunda sinceridade consigo mesmas e uma reflexão sobre seus próprios desejos. Elas reconheceram a importância de serem autênticas e genuínas em relação aos seus sentimentos em relação à maternidade, buscando uma vida que estivesse alinhada com o que elas realmente queriam. Nesse sentido, o seguinte trecho ressalta como as mulheres estão repensando e redefinindo seus papéis e prioridades na sociedade atual:

O atual desejo em viver novamente esses mesmos prazeres que são, única e exclusivamente, pessoais e que não incluem a maternidade denunciam a importância dos valores contemporâneos para a mulher, como

a liberdade, a exaltação do eu e a satisfação imediata, como também o significado da maternidade como impeditivos para essas mesmas realizações. (Albertuni; Stengel, 2016.)

Para essas mulheres a decisão de não ser mãe não é apenas uma escolha pessoal, mas também uma reafirmação de seus direitos individuais e do controle sobre seus próprios destinos. Elas buscam preservar sua capacidade de tomar decisões sem a pressão de responsabilidades parentais, permitindo-lhes explorar seus interesses, carreiras e projetos pessoais de forma plena e sem restrições. A escolha consciente pela não maternidade é um exercício de autoconhecimento e de respeito aos próprios desejos e necessidades. Sheila Heti, em seu livro “Maternidade”, traz uma percepção e uma análise respeitosa sobre os dois lados:

Ainda assim, o não ter parece tão incrível, especial e único quanto o ter. Ambos parecem uma espécie de milagre. Ambos parecem um grande feito. Seguir o curso determinado pela natureza ou resistir a ele — ambos são realmente belos; impressionantes e difíceis, cada um à sua maneira. Lutar contra a natureza ou se render a ela, ambos parecem louváveis. Ambos parecem ser inteiramente valiosos. (Heti, 2019, p. 200).

A questão financeira também desempenha um papel crucial nessa tomada de decisão. Ao considerar a maternidade, essas mulheres ponderam sobre os significativos gastos envolvidos na criação de uma criança, como educação, saúde, alimentação e outras necessidades básicas. A entrevista de “M.F.” destaca a importância da decisão de ter filhos e enfatiza que a maternidade é uma responsabilidade permanente e irreversível. Ela compartilha essa perspectiva com outras entrevistadas, ressaltando a necessidade de tomar essa decisão de forma consciente e reflexiva, pois é uma decisão que afetaria a vida de maneira profunda, influenciando seus objetivos pessoais, estilo de vida e relacionamentos.

Era uma idealização que eu tinha realmente de maternidade e filhos desde pequena e eu era uma criança que gostava de brincar de boneca. Então eu também sempre achei que eu seria mãe. [...] Aí fui entender que a maternidade não é um mar de rosas, tem muitas dificuldades e que para o que eu quero da minha vida ela não cabe. (V.G.)

A entrevistada “V.G.” pontua, durante toda a entrevista, que o sonho dela desde cedo era ser mãe, mas com o passar do tempo ela chegou a compreensão de que na verdade ser mãe não era um desejo genuíno, e isso por meio de um processo de reflexão e autoconhecimento. Ela percebeu que a maternidade não é um conto de fadas, como muitas vezes é romantizada, mas sim uma jornada repleta de desafios e responsabilidades. Elisabeth Badinter (2011) nos traz uma análise dentro deste mesmo contexto, quando ela diz que a mãe só sonha com o amor e com a felicidade. Ela ignora a outra face da maternidade, a que é feita de esgotamento, de frustração, de solidão e até mesmo de alienação. Esse

processo de entendimento levou a entrevistada a questionar suas próprias expectativas em relação à maternidade e a avaliar como essa decisão se alinharia com seus objetivos pessoais e estilo de vida. Ela reconheceu que ser mãe envolve sacrifícios e renúncias, além de exigir um grande investimento emocional, físico e financeiro. Esse processo de entendimento foi essencial para a entrevistada tomar uma decisão informada e consciente sobre sua escolha em relação à maternidade.

Causa um incômodo. [...] Nossa, os piores [...] eu vejo um lugar muito ruim [...] é um lugar hostil. É isso. Se eu for usar uma palavra, eu acho maternidade hostil, pra vida de uma mulher. (L.A.)

Na perspectiva de Lacan (1988), a linguagem desempenha um papel crucial na construção do sujeito e na formação do inconsciente, influenciando não apenas a expressão de pensamentos e emoções, mas também a criação da realidade psíquica. As palavras que usamos para descrever algo não são neutras, pois têm o poder de influenciar como percebemos e experimentamos o mundo. No exemplo citado de uma entrevistada que descreve a maternidade como "um local muito hostil", essa escolha de palavras revela uma visão negativa, sugerindo um ambiente adverso. Essas escolhas linguísticas são influenciadas por experiências, desejos, fantasias e construções culturais e simbólicas relacionadas à maternidade. Além disso, Lacan (1988) enfatiza a importância do inconsciente na produção e interpretação dos discursos, tornando as palavras uma janela para aspectos inconscientes de nossos desejos, conflitos e experiências. Portanto, a escolha das palavras nesse caso específico reflete sentimentos de desconforto e dificuldade.

#### **4.4. Explorando a complexa teia entre cuidado, gênero e o futuro das mulheres além da maternidade.**

Procurou-se observar como as mulheres abordam o conceito de "cuidado" na maternidade, destacando a pressão associada a esse papel e a desigualdade na distribuição de responsabilidades entre homens e mulheres. Também discutiu-se a ideia de cuidado na velhice, muitas vezes ligada à presença de filhos, ressaltando a necessidade de reconhecer que existem várias formas de suporte na velhice, além da presença de descendentes.

Porque a gente entende que realmente maternar demanda muita atenção, demanda muito cuidado, demanda muito compromisso. [...] Eu acredito muito que a responsabilidade dessa decisão, todos os impactos e consequências são coisas que vão afetar principalmente e massivamente a mim como mulher. E muito pouco a eles, os homens. Então eu acho que não compete a eles discutir essa ideia. [...] Eu acho que o pai dentro de um

relacionamento heteronormativo, ele tem a opção de ser pai. Ele pode escolher ou não ser pai dentro do relacionamento, ele pode escolher por exemplo ser um pai ausente ou estar ali o tempo todo, sanar todas as necessidades da criança junto com a mãe e afins. Então eu acho que a mulher não tem essa opção. A responsabilidade em cima dela é muito grande. As mulheres se sentem muito sobrecarregadas pela maternidade, e todas essas complexidades ali que envolvem esse papel de gênero, por exemplo, com relação a maternidade em si, quanto sobre o que se espera de uma mãe. Então, por exemplo, se a mãe supre todas as necessidades do filho, ela é uma boa mãe e ok, mas se o cara faz isso, ele é um super pai, o cara é acima da média assim. [...] Os homens hoje eles têm a possibilidade de disponibilizar migalhas e aquelas migalhas serem vistas, e as mulheres elas precisam apresentar todo um desempenho dentro daquelas atividades dentro da maternidade, e mesmo assim elas não são reconhecidas ou valorizadas como deveriam. (M.F.)

Badinter (1985) argumenta que as mulheres têm sido historicamente pressionadas a se dedicarem prioritariamente à maternidade, muitas vezes em detrimento de seus próprios desejos e realizações pessoais. Ela enfatiza que a pressão social para se conformar com os desejos masculinos, como ter filhos, pode levar as mulheres a negligenciar suas próprias necessidades e aspirações. Neste mesmo sentido, Valeska Zanello (2016) nos demonstra quão enraizados essas pressões estão e como funciona o que ela denomina de “dispositivo materno”:

O dispositivo materno diz respeito, assim, a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras ‘natas’. (...) esse dispositivo se construiu historicamente, sobretudo a partir do século XVIII, momento esse no qual a capacidade de maternagem foi compreendida como desdobramento da capacidade de procriação (Zanello, 2016, p.113-114)

Zanello argumenta que a socialização de gênero muitas vezes leva as mulheres a internalizar a ideia de que sua principal função é satisfazer os desejos e necessidades dos homens. Se por um lado é possível considerarmos certas conquistas como que instituídas consistentemente na vida feminina, por outro não podemos nos referir à igualdade, sendo este um conceito ainda não alcançado, literalmente, pelas mulheres (Albertuni; Stengel, 2016). Ainda hoje, muitas mulheres enfrentam desafios ao tentar equilibrar suas vidas entre os papéis profissionais e suas responsabilidades familiares. A divisão desigual do trabalho doméstico e o estigma associado à maternidade e cuidados parentais são questões que persistem em muitas sociedades. Ainda que estejam inseridas no mercado de trabalho, as mulheres dividem seu tempo entre sua vida pública e a privada, entre as demandas de sua profissão e a de seus filhos, marido e lar (Albertuni; Stengel, 2016).

Eu brinco que eu sou mãe do meu marido, eu cuido da alimentação dele, que ele não se alimenta direito. [...] Ele não é um cara que colabora pra caramba dentro de casa, com trabalho mesmo ali. (A.S.)

Mulheres tendem a internalizar o papel de cuidadoras, e isso está relacionado a uma série de fatores, como construções sociais, expectativas culturais e experiências pessoais. No trecho fornecido, a entrevistada brinca sobre ser "mãe" do marido, destacando o papel de cuidadora que assume em relação à alimentação dele. Essa dinâmica pode refletir uma tendência em que as mulheres são socialmente pressionadas a assumir responsabilidades de cuidado, inclusive em relação aos parceiros, reproduzindo assim uma desigualdade de gênero nas relações domésticas.

Essa rede de apoio é composta geralmente por tias, avós, irmãs, primas, são todas as mulheres ali ao redor. É outra coisa que... Você não vê um homem participando dessa rede de apoio, na maioria das vezes não tem nenhum pai. [...] Uma amiga minha foi com a criança nos braços fazendo uma entrevista de emprego desse jeito. Chega a ser violento, né? E ela junto dele. Tipo ele falou "não vou ficar". [...] Toda resposta cai pra mulher, né? Nem percebemos porque nós somos socializadas pra isso. (L.A.)

Ressalta-se a importância de explorar os motivos pelos quais o sexo masculino não é constantemente cobrado a exercer a paternidade, haja vista que não se fala em "instinto paterno", e isso se deve ao motivo de que o mesmo critério não se aplica à mulher, para a qual a maternidade é tomada como um fator biológico e natural, enquanto a paternidade é vista apenas como um fator social. Observa-se então que do lado masculino tal decisão de não exercer a paternidade e, mais do que isso, não ser pai, passa mais despercebida e permanece menos estigmatizada, pois o padrão societário tradicional favorece mais a vida profissional do que a condição de pai para o homem. Não há nenhum tipo de pressão para que os homens exerçam a paternidade enquanto estão casados (Thurler, 2021). Não interrompem suas carreiras, nem seus projetos, nem aspirações pessoais para o exercício da paternidade. Os homens exercem a paternidade como se fossem voluntários, como se não fosse parte de uma responsabilidade compartilhada e como se eles não tivessem nenhuma obrigação. Aqueles homens que exercem a paternidade fazem parecer uma ajuda extraordinária ou algo que não é de sua responsabilidade. Em relação a isso, as autoras Teresa Creusa de Góes Monteiro Negreiros e Terezinha Féres-Carneiro, retratam em seus estudos sobre os papéis de gênero na família contemporânea:

No interior da relação é esperado que o homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas, e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia da família. As peculiaridades de cada membro do casal - companheiros nas obrigações e prazeres - e as necessidades emergentes substituem a hierarquia por sexo ou faixa etária. Ou seja, deveres e privilégios são compartilhados, bem como é enfatizada a atenção e pretendido o apreço aos desejos, às ideias e aos projetos dos filhos - crianças ou adolescentes (Negreiros; Feres-Carneiro, 2004, p. 39)

Nas sociedades patriarcais, espera-se que as mulheres assumam predominantemente os cuidados com os filhos, enquanto os homens são associados à provisão material. Essa divisão tradicional de gênero influencia a formação da rede de apoio das mães, na qual a maioria das pessoas envolvidas são mulheres. Neste contexto e de acordo com Débora Cristina, Adriane Wollmann:

Dentro do espaço privado do lar, a mulher foi reduzida à condição de mãe. A mulher foi incumbida de tarefas como a administração da casa e a gestão da saúde e educação das crianças, enquanto ao pai as características de autoridade e provedor se sobressaltavam. À mãe coube o cuidado com a casa e os filhos, ao pai, a autoridade dentro da casa e o exercício público (Coelho; Wollmann, 2017).

A divisão desigual de responsabilidades parentais e a associação das mulheres aos cuidados podem influenciar a falta de envolvimento masculino nesse contexto. Os papéis de gênero são internalizados desde a infância por meio do processo de identificação e são reforçados pela cultura e pelo ambiente social. Os homens são socializados para se afastarem das atividades de cuidado, enquanto as mulheres são socializadas para assumir essas responsabilidades.

Por mais que a gente saiba que ter filho não é garantia de ter uma companhia pro resto da vida, mas a gente cresce com isso. [...] Tem filhos que ficam e cuidam, mas tem filhos que falam “meu amor, deixa eu viver minha vida”. (A.S.)

No contexto da maternidade e da pressão para ter filhos como garantia de companhia na velhice, há uma idealização do papel da maternidade e uma busca por preencher necessidades emocionais e de segurança. Freud (1923) explorou o conceito de "ideal do ego" como uma construção psicológica que representa um padrão idealizado de si mesmo. Nesse sentido, a crença de que um filho trará companhia na velhice pode ser entendida como parte desse ideal do ego, uma busca por uma solução para o medo da solidão e do abandono. No entanto, essa visão ignora a complexidade das relações familiares, uma vez que a relação entre pais e filhos é variável e nem sempre resulta em uma conexão profunda e duradoura. Além disso, há outras maneiras de estabelecer laços afetivos, como amizades, parcerias românticas e comunidades. Portanto, a ideia de que a maternidade é a única garantia de companhia pode ser limitante.

Um ponto em comum que também se destacou nas entrevistas, especialmente entre as entrevistadas casadas, é a importância de compartilhar objetivos no relacionamento. A honestidade desde o início é crucial para garantir alinhamento e enfrentar juntos as pressões sociais de não ter filhos. A decisão compartilhada de não ter filhos nutre a relação,

demonstra respeito pelas escolhas individuais e molda uma base sólida para um relacionamento satisfatório, ressaltando a importância de objetivos compartilhados.

#### **4.5. Explorando o diálogo da não maternidade: a relação da mulher consigo mesma.**

Durante as entrevistas, algumas mulheres destacaram a importância da terapia e do estudo do feminismo em suas jornadas de autodescoberta e empoderamento. A terapia proporcionou um espaço seguro para explorar sentimentos profundos e inseguranças relacionadas à decisão de não serem mães, permitindo uma reflexão livre de julgamentos externos. Por outro lado, o estudo do feminismo trouxe conscientização crítica sobre as expectativas sociais em relação às mulheres, libertando-as de pressões e estereótipos ligados à maternidade. Isso permitiu que entendessem suas identidades como mulheres independentes, capazes de tomar decisões sem se conformar com padrões predefinidos.

Eu fazia terapia [...] Eu me vejo como uma pessoa completa, eu tenho momentos de alegria e de felicidade assim como momentos de tristeza, e eu não dependo de ter um filho pra sentir um amor. E Esse letramento de gênero também... Eu falei “nossa eu não quero ficar nessas circunstâncias, nós mulheres já vivemos em circunstâncias muito ruins, o sistema é patriarcal, então com uma criança ainda, essa conta não vai bater, acho que eu consigo me virar sozinha” e foi isso que consolidou uma decisão. (L.A.)

A combinação da terapia com o estudo do feminismo proporcionou a algumas das entrevistadas uma compreensão mais profunda de si mesmas. Essas ferramentas ajudaram-nas a compreender melhor seus desejos genuínos, a desassociar-se das expectativas sociais e a tomar decisões mais conscientes e alinhadas com seus valores pessoais. Através dessas escolhas, elas encontraram uma maior realização pessoal e produtividade em outras áreas de suas vidas, reafirmando que cada indivíduo tem o direito de definir seu próprio caminho, independentemente das expectativas externas.

Sociedade mostra para nós mulheres que eu vim pra esse mundo pra servir, mas eu tenho que servir, tem que servir um pai, um tio, um filho, um avô, qualquer homem, eu tenho que estar servindo alguém, se eu não estou servindo alguém então eu não estou servindo pra nada. (L.A.)

A fala da entrevistada revela uma visão profundamente enraizada na sociedade, na qual as mulheres são ensinadas desde cedo a acreditar que sua função principal é servir aos homens. Essa perspectiva reflete um sistema de normas e expectativas de gênero que tem sido perpetuado ao longo de séculos e influenciou a construção da identidade feminina. Para compreender essa questão, podemos recorrer às reflexões de duas importantes autoras, Valeska Zanello (2016) e Elisabeth Badinter (1985). Valeska Zanello analisa o

conceito de feminilidade, que se refere às expectativas sociais que moldam a forma como as mulheres devem se comportar. Ela argumenta que as mulheres são socializadas desde a infância a serem cuidadoras e a satisfazerem as necessidades dos homens, o que perpetua a ideia de que seu valor está intrinsecamente ligado à sua capacidade de servir. Essa noção de servidão também é abordada por Elisabeth Badinter (1985). Ela critica a construção histórica da identidade feminina como subordinada à masculina, destacando como as mulheres foram condicionadas a colocar as necessidades e desejos masculinos em primeiro lugar. Badinter argumenta que essa dinâmica afeta negativamente as mulheres, limitando suas escolhas e oportunidades. Ambas as autoras argumentam que é fundamental questionar e desconstruir essas normas de gênero que sustentam a ideia de que as mulheres devem estar sempre à disposição dos homens.

A mulher é completa quando ela se sente bem com a vida que ela tem, seja como for essa vida, e a vida não é uma coisa só, a vida é ampla, a vida tem um monte de possibilidades. [...] então acho que a mulher completa é a mulher que consegue ter o bem estar da vida com aquilo que ela se identifica realmente no mundo, seja o que for, e tem muitas coisas, não tem uma só. (N/I)

A narrativa da entrevistada “N/I” é um exemplo valioso e impactante que ressalta a importância do debate sobre essa questão na sociedade. Ao longo de todo seu relato, é revelado não apenas a resistência que algumas mulheres enfrentam ao fazerem escolhas que vão contra a norma social, mas também a complexa interseção entre sociedade, saúde e autonomia. A trajetória da entrevistada reflete como a sociedade muitas vezes assume que a maternidade é um caminho inevitável para as mulheres, relegando aquelas que optam por não seguir essa via a um lugar marginalizado.

Desde os seus 28 anos, a entrevistada já tinha certeza de sua escolha e buscava por uma laqueadura como forma de assegurar essa decisão. No entanto, o que é especialmente revelador é a recusa sistemática que ela enfrentou dos médicos, além de relatar uma série de obstáculos e desrespeito ao longo de sua jornada. Este caso retrata vividamente a maneira como sua escolha foi desconsiderada, demonstrando um nível de preconceito e discriminação médica que é profundamente preocupante. Esse tipo de atitude não apenas nega a autonomia das mulheres, mas também perpetua uma ideia retrógrada de que a maternidade é o único caminho aceitável. A entrevistada aos 30 anos de idade sofreu com uma trombose devido ao uso de anticoncepcional, juntamente com a subsequente recusa médica de realizar a cirurgia de laqueadura, ilustra de maneira clara como a falta de respeito pela autonomia das mulheres pode ter consequências graves para a saúde física e mental. A entrevistada teve que lidar com as sequelas da trombose e a persistência da busca por uma cirurgia que lhe foi negada por muitos anos, o que não apenas afetou sua qualidade de

vida, mas também gerou traumas e frustrações duradouras. Mesmo nesse momento crítico, ela não recebeu o apoio médico necessário.

A análise dos eventos destaca a persistente desvalorização da escolha de não ser mãe e o desrespeito às mulheres. O fato de as médicas mulheres também terem negado essa opção sublinha a profundidade do problema e a internalização de padrões culturais que marginalizam as escolhas femininas fora do tradicional. Isso revela como normas sociais arraigadas perpetuam a ideia de que a maternidade é inerente à feminilidade. A violência simbólica e emocional que a entrevistada sofreu ao longo desse processo, vindas de profissionais que deveriam cuidar de sua saúde e bem-estar, destaca a necessidade urgente de uma mudança cultural e educacional. Ela teve que esperar até os 42 anos para que sua decisão fosse respeitada, mostrando como essa agressão persiste por anos, afetando profundamente a vida das mulheres e causando efeitos psicológicos negativos quando as escolhas pessoais são ignoradas ou rejeitadas sistematicamente.

A história da entrevistada ilustra vividamente a violência estrutural e simbólica enfrentada por mulheres ao fazerem escolhas autônomas em relação à maternidade e à própria vida. Essa violência não se limita a ações físicas, mas também inclui negações sutis, barreiras institucionais e normas sociais que limitam a autonomia feminina. A violência contra a não maternidade é complexa porque vai além das formas mais óbvias de agressão física. A insistência em forçar uma mulher a ser mãe contra sua vontade, seja por meio de negações de procedimentos médicos ou por meio de pressões sociais, é uma forma de violência que nega a sua individualidade e capacidade de decisão. Em conclusão, a história da entrevistada não apenas lança luz sobre a importância do debate em torno da não maternidade, mas também evidencia a persistência do patriarcado e dos estereótipos de gênero na sociedade e as profundas falhas no sistema de saúde que perpetuam a violência simbólica e a falta de respeito pelas escolhas individuais das mulheres. Este caso é um exemplo flagrante de como a não maternidade ainda é estigmatizada e mal compreendida, e como as mulheres que optam por não seguir esse caminho muitas vezes enfrentam barreiras injustas e cruéis. A análise dessa narrativa serve como um chamado à ação para a necessidade de empoderar as mulheres a exercerem plenamente seu direito à autonomia reprodutiva e a serem tratadas com dignidade, independentemente de suas escolhas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, é possível identificar alguns desdobramentos do presente estudo. Com o objetivo de investigar as repercussões do desejo de mulheres em vivenciar a não maternidade em meio às imposições sociais e históricas, notou-se que os resultados obtidos revelam uma série de perspectivas e vivências que contribuem para uma melhor

compreensão desse fenômeno, ainda pouco explorado. A liberdade pessoal, a falta de desejo pela maternidade, o progresso profissional e a busca por independência emergiram como razões primordiais para tal escolha. A liberdade proporcionada pela não maternidade permitiu que as participantes busquem objetivos sem restrições parentais. Embora haja progresso na igualdade de gênero, persistem desafios sociais que limitam essa escolha. A resistência contra as expectativas culturais e familiares demonstra a determinação das mulheres em defender sua autenticidade. A pressão social e os estereótipos de gênero influenciam essa decisão, pois a sociedade muitas vezes define as mulheres no papel tradicional de mães e cuidadoras, criando um conflito entre essas expectativas sociais e as ambições individuais. As experiências de julgamento por familiares, amigos e até mesmo de profissionais da saúde sublinham a necessidade de uma aceitação mais ampla e um entendimento mais profundo das escolhas reprodutivas femininas das mulheres, com a finalidade de prevenir a estigmatização e preservar a autonomia individual.

Contudo, é válido destacar que este estudo apresenta algumas limitações, como o tamanho da amostra, restringindo a generalização dos resultados, assim este campo de pesquisa requer mais investigação. As vozes das mulheres não-mães inspiram uma sociedade transformada, celebrando escolhas diversas e fornecendo apoio para realização pessoal. Compreender as motivações e desafios dessas mulheres é essencial para uma sociedade inclusiva e uma clínica respeitosa. Espera-se que o estudo incentive o diálogo e a desmistificação da não maternidade, estimulando reflexões sobre trajetórias individuais.

## 6. REFERÊNCIAS

ALBERTUNI, Patrícia Shalana; STENGEL, Márcia. Maternidade e novos modos de vida para a mulher contemporânea. *Psicologia em Revista*, v. 22, n. 3, p. 709-728, 2016.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. In: *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 1985. p. 370-370.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Editora Record, 2011

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão europeia do livro, v. 2, 1967.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC*, v. 2, n. 1, p. 3, 2005.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Interações estud. pesqui. psicol*, p. 87-101, 1998.

DA SILVA COELHO, Débora Cristina; WOLLMANN, Adriane. A maternidade como saída edípica: Considerações sobre a feminilidade. Cadernos da Escola de Saúde, v. 17, n. 1, p. 10-24, 2017.

FEDERICI, Sílvia. Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação originária. São Paulo: Editora Elefante, 2004.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisas. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUERRA, Andréa Máris Campos; DE OLIVEIRA MOREIRA, Jacqueline; DE OLIVEIRA, Lorena Vianna. Narrativa memorialística como estratégia de pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais<sup>1</sup>. Pesquisas com narrativas nas ciências humanas: psicanálise, psicologia social, sociologia e história, p. 19, 2022.

HETI, Sheila. Maternidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. " Tem que ser uma escolha da mulher"! representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. Psicologia & Sociedade, v. 24, p. 300-306, 2012.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. Não tem filhos? Por quê?. Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas, v. 10, n. 1, p. 121-133, 2009.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. São Paulo, 1990.

SZAPIRO, Ana Maria; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 15, p. 179-188, 2002.

THURLER, Ana Liési. Paternidade e deserção: crianças sem reconhecimento, maternidades penalizadas pelo sexismo. 2021.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. 2016.

**Contatos:** julianicolau.mj@gmail.com e alinesouza.martins@mackenzie.br